

Construção e interpretação*

Giuseppe Di Chiara**, Milão

A experiência psicanalítica compreende cinco componentes essenciais: a formação do campo analítico, a colocação em evidência das representações geradas no campo, a realização a partir dessas construções e a colocação das mesmas em forma narrativa, e, por fim, a interpretação dessas construções, o que produz transformações. O autor se detém de forma mais breve sobre o campo e a representação, a fim de dedicar maior atenção às construções e à interpretação das mesmas. Considerando a representação, trata o tema do irrepresentável, que é um campo de fronteira na investigação clínica e teórica da psicanálise contemporânea. Na discussão mais aprofundada sobre o tema da construção, destaca o quanto é importante o que foi construído pela dupla analista e paciente, a quem o analista ajuda com a sua participação no trabalho construtivo. Enfim, a interpretação permanece como a principal função para a eficácia transformativa da psicanálise. Ela se estende desde o tempo da interpretação dos sonhos à interpretação de cada história construída ou construção narrada e contém o segredo da transformação na análise, a qual é um ponto crucial da investigação que está em curso no cenário da psicanálise atual.

Palavras-chave: campo psicanalítico, representações, construção, narração, interpretação.

* Texto apresentado em seminário no Centro Milanese di Psicoanalisi Cesare Musatti, em 14 de novembro de 2013.

** Psicanalista, membro da Sociedade Psicanalítica Italiana (SPI).

Este texto originou-se da observação e da leitura dos trabalhos de muitos psicanalistas, nos quais encontrei recorrências singulares e significativas da experiência psicanalítica, que – finalmente estou convencido – sempre constituem a espinha dorsal da análise psicanalítica. Agora percebo isso mais facilmente, em parte porque adquiri o hábito de pesquisar esses aspectos estruturais e estruturantes e de adotar esse ponto de vista, tanto pela leitura de outros trabalhos quanto pela reflexão sobre o meu próprio e também pelo trabalho conjunto realizado na supervisão. Um exemplo do que acabo de afirmar encontra-se no trabalho de A. Scansani, apresentado no Centro Milanês de Psicanálise, assim como na minha intervenção preliminar à discussão naquela ocasião (Scansani, 2013, Di Chiara, 2013).

As partes que compõem uma experiência psicanalítica seguem a seguinte ordem: a formação do campo psicanalítico, a geração do interior desse campo de representações, a organização das representações em uma construção narrativa, a interpretação dessa construção e a transformação que se produz.

Há outra raiz desse meu trabalho. É a resposta que acredito que deve ser dada à pergunta feita por Foresti ao supervisor: de onde retira suas interpretações? (Foresti, 2007). O próprio autor já trabalhou intensamente e com ótimos resultados nessa resposta (Foresti, 2007, 2010, 2013). Isso nos permitirá recordar uma pergunta semelhante à que Freud tentou responder: a pergunta do cardeal Ippolito d'Este a Ariosto sobre de onde retirava suas histórias e para a qual Freud buscou uma resposta em seu artigo *Escritores criativos e devaneio* (Freud, 1907).

Das cinco partes que compõem a estrutura da psicanálise clínica, apenas de maneira geral, mencionarei o campo, a representação e a transformação. Em vez disso, dedicarei a maior parte do trabalho à construção e à sua interpretação.

Somos gratos a W. e M. Baranger pelo desenvolvimento da teoria e pela clínica do *campo psicanalítico* (Baranger W. e M., 1962), bem como a S. Manfredi Turillazzi e A. Ferro, que se dedicaram à tradução italiana junto à editora Cortina nos anos 1990. Todavia, acima de tudo, estamos em débito pela pouca atenção que acabamos dando ao *campo*, apesar do considerável desenvolvimento que esse conceito e ferramenta de trabalho tiveram na psicanálise italiana. Dedicamos todo um congresso nacional a esse tema em Rimini em 1994. Foram publicados trabalhos importantes sobre o assunto; lembro-me de muitos de Ferro (1992a, 1992b, 1993, 1994) e daqueles agrupados no volume editado por E. Gaburri (1997), Ferro e Basile (2007), Chianese (1997) e Corrao (1998). O que não percebemos é que o campo não é uma possibilidade complementar da análise, mas uma

necessidade. Então, aqui está a surpresa: sem dizê-lo, ensinamos a começar-se a análise com a formação do campo analítico.

As análises bem realizadas têm em seu início e sua base uma formação adequada do campo analítico. O *campo analítico* é o desenvolvimento bem-sucedido e o enriquecimento das sugestões técnicas indicadas por Freud, conforme já discutido por W. e M. Baranger em seu trabalho de 1962 e indicado mais claramente por alguns autores (M. Sarno, 1997, Sopena, 2007, Di Chiara, 1997b, Riolo, 1997). Não posso agora aprofundar mais esse tema. Digo apenas que o *campo* é gerado a partir da mente do analista, que o ativa internamente através de uma modulação ideal de suas próprias instâncias psíquicas. A modulação do ego pelo exercício da paciência, do acolhimento. A modulação do superego, que atenua o julgamento e pratica a avaliação. A modulação do id pela disponibilidade das pulsões na medida adequada de amor e de firmeza. Esse campo analítico forma-se com base na presença e na elaboração contínua da configuração edípica (Baranger & Baranger, 1962, Sopena, 2007). Riolo adverte-nos para lembrarmos que o *campo analítico* é uma metáfora e que o *campo* satisfaz exigências que não são satisfeitas pela *relação* (Riolo, 1997).

Não irei me dedicar agora a uma discussão detalhada sobre as *representações*, que conhecemos bem desde o início do nosso trabalho e que, isto sim, deve ser enfatizado, continuam a ser as matérias-primas de nossas construções. A tentativa de Gori de desenvolver e valorizar a diferença entre a *apresentação* e a *representação* (*Vorstellung* e *Darstellung*), com base na presença ou na ausência de ligações com a palavra, não teve seguimento, inclusive devido ao uso variável e não homogêneo dos termos na lição freudiana (Gori, 1989). Recentemente, L. Russo dedicou páginas de grande profundidade a esse tópico (Russo, 2013). No passado, Ammaniti e Stern coletaram as contribuições de diversos autores na obra *Representações e narrações* (1991). Dentre esses trabalhos, todos eles interessantes, além da apresentação dos autores, lembro-me das contribuições de Corrao sobre as *Transformações narrativas* (1991), a respeito das quais voltarei a falar, e de C. Genovese sobre *O problema da representabilidade* (1991). Quero enfatizar dois pontos: o fato de que, na formulação original de Freud, a representação está sempre conectada à pulsão e o problema da existência de uma parte do mundo psíquico não representada.

Acredito que o primeiro ponto deve ser mantido, apesar das críticas que ele tenha recebido (sobre as quais recomendo Imbasciati, 1991). A *representação* é investida pela pulsão e adquire uma coloração afetiva (ou seja, pulsional e energética), que retorna nas *construções*, bem como nas *interpretações*. É por

isso que o *campo se contagia* (Ferro, 2007). É por isso que há sempre algo de dramático na interpretação psicanalítica.

O não representado pode ainda não ter sido representado ou pode ser irrepresentável. O trabalho na fronteira da psicanálise é precisamente sobre esse assunto difícil e fascinante, cheio de consequências. O que não está representado, na verdade, continua a operar, gerando vivências e ações: psicoses individuais e coletivas, características pessoais e costumes sociais são determinados em diferentes graus pelo que não está representado. O valioso trabalho de L. Russo (2013) sobre o tema merece muita atenção e indica os caminhos difíceis, mas possíveis, para *lidar com o irrepresentável* em análise sem ter que dobrar-se à “tendência de colocar no sótão todo o aparelho metapsicológico freudiano” (p. 69).

Retornemos às representações. O campo é continuamente atravessado e perturbado, mas, ao mesmo tempo, é um dispositivo eficaz para facilitar o aparecimento de representações: o estabelecimento de um *campo psicanalítico* adequado favorece a geração dessas pelo paciente e pelo analista. Devemos ser advertidos para uma dificuldade: as patologias atuais, os perfis psicológicos de nossos pacientes apresentam uma maior dificuldade em participar da realização do campo. Acontece, portanto, que é mais difícil para um analista perceber o perímetro do campo e ser capaz de compreender as produções. As contribuições dos analistas que realizaram expedições *aos limites do campo* nos auxiliam, intuindo e validando as hipóteses de que o campo tem limites extremamente extensos e variáveis, enquanto permanece “como as margens móveis e indetermináveis entre consciente e inconsciente” (Riolo, 1997, p. 61). Penso em Ferro e no grupo de Pavia e em Ogden, que, em *Falar como sonhar* (2007), indica a técnica de trazer para o campo as representações que tentam escapar, ampliando o campo até incluí-las (Ogden, 2007; Ferro, 2007; Ferro *et. al.*, 2007; Civitarese, 2011; Bezoari, 2013).

Chegamos agora às construções, reunindo, em um construto narrativo, as representações que são produzidas no campo. Para lidar com essas representações, devemos necessariamente também nos dedicar às interpretações. A construção, a narração e a interpretação são, na verdade, partes interligadas de um único processo a ser investido de aspectos e problemas comuns. Gostaríamos de avançar em discussões separadas em prol da simplicidade e da clareza, mas não é possível. Os tijolos de nossas construções narrativas não nos são fornecidos diretamente no seu significado utilizável para a compreensão dos processos psíquicos inconscientes. Associações livres, sonhos, memórias, fantasias não são o que parecem: sabemos que cada fruta colhida no campo tem um significado manifesto e um significado latente, ou melhor, uma série plurideterminada de significados

latentes, que tentamos apreender esforçando-nos o máximo possível com o uso da nossa compreensão e da validação do nosso parceiro de trabalho, o proprietário do material, que é o paciente, assim como podemos fazer para extrair significados e indicações do material apresentado no *campo impessoal da análise*. Este material é comum e construído em conjunto, mas em *assimetria*. Tentamos ter certeza de que o paciente traga material de seu mundo psíquico, que é o objeto do trabalho analítico, e que o analista produza material do próprio mundo psíquico que seja capaz de ajudar o paciente e o analista a apreenderem os elementos utilizados na construção-narração dos segmentos da psique do paciente.

Temos, portanto, dois níveis interpretativos: o primeiro é o nível das representações; o segundo é o nível das construções, que realizamos com as representações. No entanto, as regras e os procedimentos para interpretar são iguais, até porque os dois níveis ocorrem em conjunto, fortemente interligados e solidários. Em resumo, a construção do texto ocorre juntamente com a sua interpretação. Isso não quer dizer que o processo se realiza em sincronia absoluta entre a composição de personagens, eventos e atores. Ao contrário, o processo psicanalítico é longo e descontínuo e evolui através de repetições de sequências, ajustes de perspectiva e tentativas de interpretação.

Sabe-se que o termo interpretar surgiu no trabalho psicanalítico com os sonhos e foi estendido sucessivamente até tornar-se a intervenção principal e característica do analista: o analista interpreta não só o sonho, mas também o ato falho, o lapso, o *acting out* e assim por diante. Nas relações clínicas, o analista nem sempre diz: “interpretei”; às vezes diz: “portanto, eu disse...”. Mas existe a ideia comum de que ele, no final, para fazer a análise, deve *interpretar*. E ensinamos a interpretar nas instituições de formação, especialmente nas supervisões.

Interpretar em psicanálise significa sempre colocar em evidência um conteúdo que não está, no todo ou em parte, presente na consciência, um conteúdo não manifesto, mas latente, pois sua raiz encontra-se no inconsciente. É por isso que nem todas as intervenções do analista são interpretativas. Não é verdade que o analista interpreta cada vez que fala. Existem outras formas de intervenção por parte do analista que são preparatórias para essa interpretação. (Muitas dessas formas estão contidas no *setting* analítico).

Mas as interpretações são todas iguais? Diria que sim na sua essência, no sentido de que jogam luz sobre algo latente *de forma dramática*. Essa *forma dramática* é um modo breve de indicar a peculiaridade da interpretação analítica. A interpretação não é indicação, nem, creio, atribuição de significado, mesmo quando indica alguma coisa ou acaba dando significado a outra coisa.

Para continuar com alguma ordem, observo a cena psicanalítica para destacar

quem interpreta, o que interpreta e para quem interpreta. O intérprete é o próprio analista que foi contratado pelo paciente para fazer esse trabalho. O objeto de interpretação é o conjunto de conteúdos e dos funcionamentos mentais inconscientes e capazes de gerar sofrimento mental no paciente, assim como ficará evidente na interação entre paciente e analista, gerada pela transferência. O trabalho interpretativo tem como destinatário primário o paciente e seu sofrimento.

A formação dos analistas tem, entre suas finalidades, a de preparar candidatos a analista a exercerem a função da interpretação. Eles devem dominar as técnicas de escuta e de decodificação, de formação de textos e de suas leituras e transformações. Fabozzi (2003) e outros autores publicaram uma antologia sobre o desenvolvimento das técnicas de interpretação em análise. Na sua abertura faz-se uma descrição geral das etapas pelas quais se desenvolveu a técnica da interpretação, começando com Freud. É evidente, a partir desse trabalho, que há três elementos em relação estreita e variável: o conteúdo da interpretação, a qualidade do intérprete e a forma da relação analítica.

Já Freud – lembra Fabozzi – delimita o alcance da interpretação através da introdução da *construção*. A interpretação refere-se a um construto, que, de vez em quando, vai sendo percebido. Sabemos, também, que essa construção não é a história do paciente, mas algo que os dois percebem a partir de materiais fornecidos tanto pelo paciente (memórias, sonhos, associações, lapsos e atos falhos, transferência e assim por diante) quanto pelo analista (instrumentos de sua experiência analítica, suas teorias, *rêveries*, estudo de sua contratransferência e assim por diante). Essa construção, assim como todo o processo de análise, é resultado da conjugação realizada por Freud de

um objeto metódico e não arbitrário, exportado, transmissível, controlável (não, é claro, no sentido da sua reprodutibilidade dentro de um laboratório, mas na direção da sua reprodutibilidade consistente e uma previsibilidade probabilística de várias linhas de desenvolvimento do processo clínico), com a exploração e a transformação da subjetividade humana¹ (Fabozzi, 2003, p. 12).

Não falta, em Freud, uma referência à qualidade do intérprete. O desejo é que este, por meio de sua formação, seja capaz de oferecer seu trabalho ao paciente dentro de um enquadramento teórico reconhecível e operacional de uma disciplina científica *sui generis* que é a psicanálise. É para isso que ensinamos em nossos

¹ Citações traduzidas livremente pelo tradutor do texto, não publicadas em português.

institutos de formação. E acredito que o desenvolvimento da psicanálise até hoje tenha confirmado essa possibilidade. No entanto, de acordo com Fabozzi, Freud já havia percebido que a personalidade do analista não é uma variável indiferente do trabalho analítico, antecipando o que estava por vir nos anos posteriores.

A descoberta da contratransferência e os estudos relacionados a ela trazem à tona a pessoa do analista. Não mais como o intérprete qualificado do evento psíquico do paciente, mas como um obstáculo à representação na análise do mundo interno do paciente. Na definição original de contratransferência, à qual somente W. Bion permaneceu fiel, esse é um acontecimento infeliz, determinado pela colisão entre a vivência do paciente e uma representação correspondente do analista, o que impede este último de continuar a desempenhar adequadamente as suas funções. Tende-se, no entanto, a imaginar a contratransferência como tudo o que vem à mente do analista após os impulsos do paciente e de sua transferência e a resumir a análise no binômio transferência-contratransferência, negligenciando o elemento *contra* (Turillazzi Manfredi, 1989; Turillazzi Manfredi & Ponsi, 1999). Não compartilho essa posição, nem a ensino. Acredito que a contratransferência seja *contra* e denote estados de abandono da fruição analítica por oposição ou por cumplicidade com a vivência do paciente. Concordo, no entanto, em superar o pessimismo de Bion e acredito, como muitos de nós, que seja possível escalar a barreira da nossa contratransferência para tentar superá-la e, ao fazê-lo, tirar vantagem dela, recuperando o estímulo transferencial que nos impactou e bloqueou.

A maioria das respostas do analista, que, no final, devem convergir para a interpretação são, em minha opinião, produzidas pela *competência* psicanalítica do analista, resultado da sua formação, da sua autoanálise, dos seus estudos teóricos e da sua experiência clínica. O que é verdade e importante é que essas respostas do analista devem ser colocadas na trajetória da transferência, em frente à transferência e em correspondências com essa, de um modo mais bem-sucedido e mais preciso. Esta habilidade especial do analista está muito ligada à sua pessoa, assim como é fruto de sua análise pessoal.

O princípio do interesse por essas questões foi promovido principalmente por Luciana Nissim e por aqueles que compartilharam com ela os estudos sobre esses aspectos (Nissim, 1974; Nissim & Robutti, 1992). Assim, L. Nissim ressaltava a importância de que o analista, antes de falar com o paciente, o tome para si, acolha as ansiedades e as metabolize. Abriu-se um campo de investigações e desenvolvimento da ferramenta psicanalítica de grande fertilidade, que nos ensinou muitas coisas e expandiu as ideias valiosas de Freud sobre os fatores pessoais do analista nas análises, lembradas por G. Goretti (2002) e Bonaminio (2003). Consegue-se assim formular uma troca íntima entre as mentes do paciente

e do analista, o que gera um trabalho psíquico capaz de inspirar as interpretações para o analista e, gradualmente, as associações livres para o paciente, as contribuições conjuntas de um e de outro. Há um terceiro entre eles, o *terceiro* de Ogden (1994), e, em seguida, o *vínculo* de Berenstein (2000), a *ligação* mencionada por Nicolò (2003) nos termos a seguir: “A ligação forma o pano de fundo relacional sobre o qual se realiza o nosso trabalho analítico e no interior do qual se movem os personagens do mundo interno do paciente e do analista. Esse constitui o cenário relacional do palco analítico” (p. 179).

Às vezes, os pacientes têm consciência dessa função, mas também dessa dificuldade: como o analista consegue entrar em situações que são estranhas para ele? Sabemos que queremos formar analistas capazes de lidar com os percursos para a cura da maior variedade possível de sofrimentos humanos, mas também sabemos que as diferenças individuais são grandes. O que fazer? Definitivamente, é importante investigar como essa *ligação* é estabelecida e, de novo, como, dessa *ligação*, se originam as interpretações do analista.

Já nos textos de L. Nissim, encontramos informações sobre as maneiras como se constitui essa *ligação* misteriosa, esse *terceiro*. Está em jogo a capacidade de proximidade, aceitação e apoio por parte do analista (o *holding*), a identificação projetiva, a contratransferência, a *cisão do eu e a projeção de parte de si mesmo para dentro da outra pessoa*, de acordo com Klein (1955). Acredito que ocorra um instalar dentro partes de si – eu penso – recíproco, embora diferente e assimétrico, como veremos a seguir. L. Nissim nos adverte:

O que precisa ser bem explicado é que, no exato momento em que se fala dos dois “coatores” da situação analítica como participantes de um relacionamento entre duas pessoas, se define também a diversidade de seus respectivos papéis: a relação analítica ocorre entre duas pessoas, com certeza, mas é assimétrica. O tratamento é do paciente e para o paciente; se o seu curso associativo sempre se refere a si mesmo e a nós, a interpretação está, no entanto, sempre centrada nele e o contrato analítico garante que os papéis de ambos os participantes sejam constantemente mantidos (Nissim, 1974, p. 53-54).

Comentando as palavras de Freud (1912), o médico deve ser opaco para o paciente e, como um espelho, não deve revelar ao paciente mais do que a sua imagem. L. Nissim assinala assim o caminho pós-freudiano da relação analítica: “Essas palavras significam ‘fala para o paciente apenas dele próprio’; o que adicionamos 70 anos depois é só isso: após tê-lo colocado dentro de si mesmo,

acolhendo e metabolizando as suas ansiedades, sem rejeitar a consciência do processo que ocorre também dentro de si” (Nissim, *Ibid.*, p. 54).

Olhemos de perto as posições do paciente e do analista. Tentamos definir melhor o que eles fazem em seus papéis, com uma melhor compreensão da sua assimetria. Em termos gerais recordamos que, do encontro dos sujeitos com a realidade externa, a partir da vida fetal e dos primeiros cuidados recebidos daí em diante, e com a realidade interna e os fatores constitucionais, formam-se seus mundos internos e as suas personalidades, tanto no paciente como no analista, de acordo com as regras da vivência formativa do mundo das representações. No paciente e no analista, formam-se núcleos patógenos que exercem uma pressão repetitiva na direção da transferência. No analista, tudo isso está na formação analítica e no desenvolvimento da competência analítica, passando pelo tratamento. No paciente, leva à busca de tratamento e ao encontro com o analista. Na situação analítica, tenta-se encorajar a expressão verbal do mundo interior do paciente, chegando-se o mais próximo possível da fronteira entre consciente e pré-consciente, através do *setting analítico* e da regra das *associações livres*, utilizando todas as *atividades de passagem* pela linha inconsciente/pré-consciente/consciente (*Astronaves para o inconsciente*, Ferro, 2010b). O analista deve receber, decodificar, metabolizar (alfabetizar, segundo W. Bion, 1970 e A. Ferro, 2007) e, finalmente, *interpretar* esses materiais enviados pelo paciente e recebidos pelo analista. Mas os dois sujeitos em análise, paciente e analista, *não falam um ao outro diretamente!* As suas mensagens são recebidas, em primeiro lugar, por estruturas não egoicas de ambos. Elas se colocam no *campo analítico*. De lá, movem-se para chegar à atenção dos protagonistas. Este *algo entre eles* é a pedra angular da experiência psicanalítica, o cadinho no qual se geram o conteúdo da comunicação do paciente e a sua interpretação pelo analista.

Estamos agora perante o paradoxo da experiência interpretativa em análise: de fato, a interpretação deve, por um lado, corresponder a algo muito próximo da realidade psíquica de seus protagonistas e, ao mesmo tempo, tem o caráter de algo que vem de outro lugar. Como felizmente evidencia P. Kluzer (2011):

A interpretação gerada pela dupla sobre o material verbal da sessão é um ponto de encontro entre elementos de estranhamento e novidade, aparentemente surgidos do nada, e de elementos de familiaridade, já bem inseridos em uma estrutura de comunicação conhecida, uma espécie de léxico familiar (p. 13).

A interpretação deve corresponder a algo que *efetivamente pertence ao*

paciente, gerada pelo encontro assimétrico entre paciente e analista. Não me parece inadequado considerar que a interpretação seja sugerida ao analista por um dos *seus objetos internos devidamente informado* e que, uma vez expressa, resulte, no paciente, *em um objeto interno especificamente formado*. A interpretação, portanto, origina-se da colaboração contínua, paciente e cuidadosa do ego do paciente e do analista, mas é gerada, formada, a partir de uma estrutura não egoica do analista, *pela representação objetal que o analista tem do paciente*, e chega ao paciente *a representação objetal que ele tem do analista*. É para obter esse intercâmbio virtuoso que paciente e analista se encontram e se separam durante toda a sua experiência analítica. É por isso que o analista acompanha a execução eficaz de uma experiência de separação entre ele e o paciente. É por isso, e somente por isso, que paciente e analista não podem reter outras relações entre eles, além da relação analítica.

Durante seus encontros, eles absorvem o conhecimento e a experiência de ambos; durante suas separações, permitem a sedimentação e a formação dentro deles de suas representações recíprocas, a representação do objeto-paciente (experiência psíquica da pessoa do paciente) e do objeto-psicanalista (experiência psíquica da pessoa do analista). O tema da assimetria entre analista e paciente, sobre o qual tanto insistem, entre outros, Ogden (1994) e Grotstein (2009), deve ser mantido em mente ao utilizar-se, com vantagem, a lição de Ferenczi, da forma como é efetivamente reformulada por Borgogno (Borgogno, 2011; Di Chiara, 2013).

A seguir, descrevemos detalhadamente a assimetria existente entre paciente e analista. O primeiro, auxiliado pelo encontro com o analista, permite a sedimentação, na representação que oferece de si mesmo no interior do analista, do perfil o mais próximo possível da experiência interior geradora de sofrimento interior; o segundo, o analista, oferece ao paciente os próprios elementos colocados em contato com um método descritivo, de contenção e elaboração. O paciente fornece os conteúdos, o analista fornece o método. O paciente, para lembrar a obra de Freud, lembra e repete, e o analista elabora. (Mas o analista que interpreta, por sua vez, lembra e repete, assim como elabora, do seu lado, o paciente que escuta). Eles constroem juntos os textos a partir dos conteúdos, inserindo na história que surge os melhores elementos de compreensão, tolerância, transformação e senso de beleza.

Temos, portanto, dois pontos essenciais: a construção de um texto, que é realizado em conjunto e que reflete da maneira mais fiel possível a interioridade do paciente; e a interpretação do paciente pelo analista, que ouve o mesmo texto da forma mais eficaz possível. Mas o primeiro ponto é nebuloso: é possível obter

um texto que observe o paciente a partir de seu intercâmbio com o analista? Sabemos que Freud e muitos de nós acreditam que seja possível; outros acreditam que seja difícil ou impossível; outros, ainda, que é irrelevante ou inútil. Para aqueles que acreditam na realidade da transferência, isso seria possível. Para aqueles que substituem a transferência pela atual relação com o analista, isso não faz sentido. A declaração bioniana de que o método psicanalítico é uma sonda que altera, ampliando o campo que explora, é relevante, bem como a crença de que os eventos mentais, as experiências, são móveis e constantemente passíveis de serem *nachtraeglich (só-depois) remontáveis*.

No entanto, não penso que se chegue ao ponto de ter que se amputar a análise da psique da sua parte construtiva-recognitiva, com probabilidade e coerência suficientes correspondentes a uma realidade mental da pessoa em análise. Penso, portanto, que, na análise, são necessárias duas linhas de conexão: a linha horizontal, ligando o paciente e o analista nos diferentes níveis, e a linha vertical, ligando, no paciente, a sua consciência com o pré-consciente/inconsciente.

Sobre esse tema, gostaria de mencionar três contribuições, entre as mais claras, produzidas pela psicanálise italiana: Riolo com seu texto *Paradigma vertical e paradigma horizontal* (1999), Foresti & Rossi-Monti em seu livro *Exercícios de visioning* (2010) e Di Chiara em uma contribuição sobre *Conexões verticais e conexões horizontais* (2010). A abordagem desses autores, bem como de outros psicanalistas italianos, citados por Foresti e Rossi-Monti, que vale a pena recordar (Barale, 1999; Bezoari, 2013; Bolognini, 2002; Di Chiara, 2003; Ferrata, 2003a, 2003b; Gaburri, 1997; Ponsi, 1997, 2000; Riolo, 2002; tudo de Foresti e Rossi-Monti, 2010), é dirigida a um uso sempre conjunto do nível horizontal e do nível vertical. A construção do texto do paciente é realizada usando a conexão horizontal (relação analista-paciente) *sempre conjugada* com a conexão vertical (consciente/inconsciente do e no paciente). A tarefa de interpretação e suas dificuldades estão justamente no fato de terem que transmitir ao paciente e fazê-lo entender e sentir a conexão existente entre a relação com o analista e a relação entre o seu consciente e o seu pré-consciente.

É por isso que a interpretação em análise tem algo de incompleto, de suspenso e de alusivo, de familiar e ao mesmo tempo de estranho (Kluzer, 2011). Pode ser realizada desde que ocorram felizes convergências naquele momento e não em outro. É por isso que a interpretação não é repetível e também difícil de ser contada fora da análise: ela ocorre e surge no espaço privilegiado da sessão de análise. Na minha experiência, a interpretação não é facilmente exportável para fora dessa situação. Quando falamos sobre a interpretação, e é preciso fazê-lo, realizamos um relato derivado e indireto como testemunhas que estavam presentes

no momento em que a interpretação foi expressa, ouvida e aproveitada.

Quem está presente na interpretação da construção na análise? O paciente e o analista, e, na realidade psíquica e onírica, tantos e tão diferentes personagens de seus mundos internos: cada um contribui para a elaboração da obra, fornecendo produtores, diretores, atores, roteirista. Estou propondo essa conexão entre a psicanálise e a representação teatral, já intuída por Freud e mais tarde desenvolvida por analistas como Grotstein, Petrella, Ferro, da qual eu mesmo estou convencido.

Freud, em *Escritores criativos e devaneios* (1907), procura responder à pergunta que o cardeal Ippolito d'Este fez a Ariosto sobre a origem de suas histórias. Freud responde que as fontes da criação de fantasias estão na infância, na brincadeira imaginativa, na arte da representação, nos chistes, nos devaneios e nas confidências que os neuróticos e psicóticos insistentemente nos querem fazer, todos movidos pelo desejo erótico e afirmativo, mas também pela dor. Desse modo, na organização da fantasia, “o passado, o presente e o futuro são entrelaçados pelo fio do desejo que os une” (Freud, 1907, p. 379).

Grotstein descreve o *dramaturgo interno* e propõe que a sessão psicanalítica seja considerada um sonho, um teatro de improvisação, um drama sagrado (Grotstein, 1979, 2009). “Todos os indivíduos e/ou objetos narrados em uma sessão analítica devem ser considerados fictícios”, escreve Grotstein (2009, p. 102). Em 1979, declara: “O inconsciente funciona como um romance criativo ou uma obra teatral em que há um autor, um produtor, um diretor, um diretor de palco e outros elementos que produzem a narrativa onírica sob a forma de associações livres” (Grotstein, 2009, p. 105).

Petrella, em *A mente como teatro* (1985), desenvolve amplamente a abordagem freudiana, com uma revisitação mais completa dos escritos de Freud e preciosas indicações sobre a natureza do *teatro psicoanalítico*. Recordemos três dessas indicações. A primeira é que, em Freud, “ao lado de uma configuração cênica-teatral, seja mantida uma referência quase-naturalista à estrutura do ego” e às várias outras instâncias psíquicas (Petrella, 1985, p. 30 *et seq.*). “A segunda é a forma como a operação realizada pelo teatro consiste em “obter o máximo de identificação com o máximo de diferenciação”. Portanto, há um ponto comum entre a realização teatral, a ficção onírica e a interpretação psicanalítica. “Pode-se expressar isso sucintamente da seguinte maneira: o que é representado é realizado e ao mesmo tempo afastado” (Petrella, *loc. cit.* p. 43). O terceiro ponto reitera a natureza ficcional do teatro analítico, sob pena da destruição desse mesmo teatro por parte do ideal de uma verdade finalmente tangível (Petrella, *Ibid.*).

Ferro é ampla e repetidamente citado por Grotstein. O nosso autor se move no palco psicanalítico-teatral com facilidade e grande versatilidade, especialmente

na indicação dos *personagens*, a partir dos *agregados funcionais* (Bezoari & Ferro, 1992). Gosto de lembrar o que Grotstein escreveu, entre muitas reflexões sobre o trabalho de Ferro: “O que faz Ferro?”, pergunta-se Grotstein. “Ferro brinca”, responde a si mesmo. (E *brincar* é a tradução de *play*, que também significa *representar* no teatro). Ferro é, acima de tudo, o clínico que aplica amplamente o dispositivo técnico-teatral (ver *Técnica e criatividade*, Ferro, 2006, e *Tormentas das almas*, Ferro, 2010a). Ferro é um construtor e contador de histórias exemplar, inventor das linguagens apropriadas para serem entendidas pelos destinatários das interpretações, como Bion (1973) recomenda que seja feito. Lembro também das contribuições relevantes de Civitarese, *A íntima sala* (2008) e *A violência das emoções* (2011).

Vários me parecem os enquadramentos teóricos desses autores. Petrella transita pelo âmbito da metapsicologia (desde Freud em diante), os outros transitam pela teoria kleiniana-bioniana, mas com um olhar atento para conexões com Freud e a metapsicologia, em busca de uma união necessária com ela. Esse aspecto é relevante e foi levantado por Kernberg em sua reflexão cuidadosa sobre as características da abordagem, entre outros, de Bion e Ferro, uma abordagem sobre a qual Kernberg (2011) aponta a necessidade de uma teorização psicanalítica mais sólida.

Direi algo sobre a formação dos textos que devem ser interpretados na sessão. Trata-se, resumidamente, das *Construções em análise*, que Freud (1937) demonstra e desloca da área arqueológica, trazidas para a área cênica a partir da representação de cidades à representação da vida nas cidades. *Construções em análise* tem sido objeto de muito interesse ao longo dos anos, com várias opiniões, considerado por alguns, e acredito que injustamente, como vinculado a parâmetros histórico-reconstrutivos e, por outros, pelos aspectos criativo-construtivos, capazes de captar a realidade psíquica do paciente. Lembro-me de três trabalhos italianos de Corrao, Di Chiara e Foresti. Corrao, em *Transformações narrativas* (1991), apresenta o *campo analítico*, a função descrita por Freud em termos de complementaridade e *poiesis* cooperativa da dupla analítica. A virada iniciou por Freud, em 1937, com a formulação: “Os delírios dos pacientes parecem-me ser os equivalentes das construções que erguemos no decurso de um tratamento analítico – tentativas de explicação e de tratamento” (Freud, 1937 *apud* Corrao, 1991, p. 48).

Fazem referência à mesma passagem de Freud os textos de Di Chiara e Foresti (Di Chiara, 1978; Foresti, 2013). Em todas essas contribuições, há a vigilância de não se sair da disciplina metodológica e teórica. Ao custo de ser possível qualificar o *mecânico vil*, escreve Foresti. E no enquadramento estabelecido pelos limites do campo, pelas regras de transformação e a individuação

das *invariantes* (Corrao, 1991). Tudo isso de modo a obter uma construção que corresponda o mais possível a um segmento de realidade psíquica do paciente. Grotstein recomenda não confundir a psicanálise com a psicoterapia. A psicanálise, diz ele, “dedica-se exclusivamente ao estudo do funcionamento das estruturas do mundo interno unicamente do analisando” (Grotstein, 2009, p. 103).

E assim chegamos à interpretação, na qual queremos estudar as características do intérprete, a atividade do intérprete e seu valor estético-transformador. O que pedimos ao intérprete? Pedimos-lhe para dar voz aos personagens colocados em evidência na cena analítica. Pedimos-lhe, com as palavras de Francesco Napolitano, para agir de modo que

a tradução interpretativa do manifesto ao latente conjugue, no paciente, representações de palavras e de coisas até fazê-lo apreender o sentido originário do desejo, uma compreensão psíquica que é eficaz somente quando os seus neurônios pulsam exatamente como se ele mesmo dissesse aquilo que lhe dissemos (Napolitano, 2001, p. 19-20, grifos meus).

Por isso, Bion (1970) diz que o analista deve tornar-se o paciente. Em *Conferências brasileiras*, Bion afirma que “no consultório, o analista deve ser capaz de fazer uma interpretação ou uma construção (Freud, 1936). O analista deve ser capaz de construir uma história. Não só isso, ele deve construir uma linguagem com a qual possa conversar e que o paciente pode entender” (Bion, 1973, p. 32). Grotstein sugere encontrar o papel que corresponde ao personagem do analisando, procurando no interior do analista, para identificar-se com ele *a Stanilawsky*, mas com respeito total pela assimetria (Grotstein, 2009). Petrella (2003) afirma: “A interpretação também é uma farsa, que envolve um dispositivo estilístico-ficcional e narrativo. Aqui está em jogo a arte do intérprete. A interpretação refere-se ao ‘espaço artístico’ estabelecido pela análise” (p. 51).

O cerne desse argumento é que a *indicação* do texto dramático do interior do paciente é apenas um ponto de partida, e não o ponto de chegada, da experiência analítica. Depois disso vem a sua leitura artística ou, nas palavras de Napolitano, a *tradução interpretativa*. Esse é, em minha opinião, um ponto importante da psicanálise pós-freudiana: a recuperação e o desenvolvimento da *função espelho*, “a velha função de espelho do analista, destinada a levar a bom termo a identificação terapêutica” (Napolitano, 2001, p. 19). Era *velha* a leitura icônica da função do espelho, o espelho plano da indicação. E *nova*, mas um desenvolvimento coerente do pensamento freudiano, a leitura interpretativa verbal, o espelho tridimensional e emotivo do *espelho das palavras* (Napolitano, 2002). Se

essas são as características da interpretação, que qualidades o intérprete deve ter?

O intérprete deve ter fácil acesso às origens das histórias a serem interpretadas. Deve, portanto, estar familiarizado com as fontes das fantasias próprias do escritor criativo, já descritas por Freud: o sonho, a infância, o pré-consciente, os mundos psíquicos mais típicos do sofrimento psíquico, *o humor*. Mas tudo isso não faz parte da formação dos psicanalistas? Trata-se, de fato, da metapsicologia, da teoria das pulsões, da teoria psicosexual, da teoria da repressão, do simbolismo, do afeto e da representação, do sonho e assim por diante, como lembra Riolo (2003), conjuntamente à prática da fronteira consciente-inconsciente fornecida pela análise pessoal do analista e pela sua reflexão autoanalítica.

O intérprete deve ter facilidade de entrar nos personagens diferentes, sem perder o próprio equilíbrio de identidade, deve ter, como me ocorreu dizer, a capacidade de *diferir*, “uma identidade plurideterminada de uma população de representações internas de boa qualidade e em relacionamentos eficazes entre elas e com o eu sujeito, dono da casa que os hospeda” (Di Chiara, 1997a, p. 37).

Lucio Russo (2009) dedicou páginas de grande intensidade ao tema da identidade do analista que interpreta. Perguntou-se sobre o trabalho do analista, que deve realizar a codificação em fantasmas das expressões pulsionais e, em seguida, traduzi-las em representações verbais (p. 190), que tem que viver *o paradoxo do ator* de Diderot, “deve suportar colocar a própria identidade a serviço do outro e da diferença” (Russo, *Ibid.*, p. 202). São páginas de grande interesse, nas quais o autor aborda a questão de como o analista que interpreta pode “identificar-se com o outro e manter sua própria subjetividade” (Russo, *Ibid.*, p. 206 *et seq.*). Ele acha que os pilares para a operação interpretativa têm que ser expressos na existência do *campo analítico* e na autoanálise do analista (Russo, *Ibid.*) À atividade interpretativa é dedicado um trabalho recente de Foresti (2013), assim como *Palavras que tocam* de Quinodoz (2002) e *As fontes da interpretação* de M. Spira (1993).

A eficácia transformativa da interpretação é, em grande medida, determinada por seu *valor estético*. Freud, em *Escritores criativos e devaneio*, antecipa essa formulação. Depois de ter examinado as fontes das fantasias do escritor criativo, interroga-se sobre o seu *segredo muito especial* e o indica em sua capacidade de superar com sua verdadeira *ars poetica* a repugnância do leitor (em psicanálise, do analisando). Portanto, oferece ao seu leitor “o verdadeiro prazer da obra poética, que vem da liberação de tensões na psique [...]”. Somos colocados na “condição de saborear doravante nossas fantasias sem censura e sem vergonha” (Freud, 1907, p. 383).

A questão estética encontrou o seu desenvolvimento nas contribuições

kleinianas. O *valor estético* gera-se no momento da *posição depressiva*, compreendida como a área da experiência psíquica de *reparação do objeto interno*, a partir do seio. Joan Rivière (1955a e b), Hanna Segal (1955), Adrian Stokes (1955), exploram essa temática em *Novas tendências na psicanálise*, (Klein, Heimann & Money-Kyrle, 1955). O tema é retomado por Meltzer em *A compreensão da beleza* (1973) e, sucessivamente, com Meg Harris Williams em *A apreensão do belo: o papel do conflito estético no desenvolvimento, na violência e na arte* (Meltzer & Harris Williams, 1988), magistralmente revisto por Lussana (1989). É um texto de grande importância, do qual gostaria de enfatizar a importância atribuída à figura paterna em proteger da violência a criatividade da mãe; tema que também é conhecido pela contribuição oferecida por Franco Fornari em seu estudo sobre a *Tempestade* de Giorgione (Fornari, 1979). Mais uma vez, devemos reconhecer a importância da configuração edípica para o nosso trabalho, da necessidade de se confrontar com a dupla parental, seus conflitos, sua superação, o estabelecimento de *boas funções parentais* na interioridade.

Concluirei com um material ilustrativo de uma análise, condensado em torno de quatro sonhos. O primeiro deles é do início da análise: nele *o paciente caminha por belas montanhas e magníficas florestas, com uma sensação de leveza e grande satisfação*. Nas associações, ele lembra que, na realidade, esse sonho pertenceu a uma série de sonhos recorrentes em uma época em que era mais jovem – naquele momento tem cerca de cinquenta anos e está no auge de sua carreira profissional. Desde menino, acrescenta, atribuía à mãe uma predileção pelas férias nas montanhas. O analista, por sua vez, pensa nos símbolos maternos femininos e sexuais, da montanha e da floresta, o peito e o *monte de Vênus*. A recorrência do sonho lhe sugere um preceito antigo da sua própria supervisão: *os sonhos recorrentes são muitas vezes a evidência de uma fantasia portadora subjacente*.

Ele conclui que o paciente gostaria de viver a sua relação analítica, neste momento, como *um passeio feliz ao lado de uma mãe jovem e bonita e inteiramente dele*. Melhor ainda, rodeado por um ambiente materno que se torna paisagem acolhedora só para ele, guiado por uma fantasia bem estabelecida em seu mundo interior. Esta é a trama construtivo-narrativa da qual fez uma interpretação, que não sabe repetir, mas tentou construir a existência em si mesmo dessa fantasia com o surgimento dela naquele momento da análise. O paciente, depois de um silêncio prolongado, produz associações confirmativas na direção da interioridade (*costumava fantasiar*), do passado (*ocorria com minha mãe*) e do futuro (*projetava encontrar*). A matriz é sempre a mesma: a fantasia que vive na psique do paciente e que interlaça, guiada pelo desejo, o presente, o passado e o futuro (Freud, 1907).

Alguns anos mais tarde, teve esse sonho: *fui ao barbeiro, um estabelecimento onde havia um barbeiro e algumas moças, que eram suas auxiliares, em uma das quais eu confiava. Após cortar o cabelo, quis pagar a ela o montante devido. Mas ela não aceitou e me mandou ao barbeiro, que estava no caixa. Fiquei descontente.* Nenhuma associação significativa, além da observação de que existem tais salões de beleza onde trabalham homens e mulheres, no entanto, ele não os frequenta. Reflexão do analista: metáfora da análise, o barbeiro, aliás, com frequência. Aparecimento de uma representação masculina e paterna, que exige respeito, mesmo sendo uma mulher colocando as mãos em sua cabeça. É claro que não está mais sozinho com a mãe. Mas está descontente com a existência e com a exigência do barbeiro-pai-analista. Ou está infeliz de ter sido esquecido pelo barbeiro-pai e deixado muito tempo aos cuidados das mães? A interpretação leva em conta, tanto quanto possível, esses elementos, mas ênfase especialmente o surgimento da representação de uma dupla de um homem e uma mulher e de um difícil equilíbrio entre o paciente e essa dupla. Seguiu-se um período de turbulência, repreensão a si mesmo e, a mim, desânimo.

Durante o terceiro ano de análise, sonhou que *“estava com seu filho, o menor, na sua casa atual, porém localizada no bairro em que nasceu e viveu até os dez anos. O menino estava dormindo. Sobre sua cabeça estendiam-se os ramos de uma vegetação que vinham da parede, ao lado do quarto dos pais, e alguns cogumelos com hastes longas. Decidiu cortar os ramos e os cogumelos e fez isso... Ficou sozinho e, com surpresa, ouviu que alguém estava no banheiro. Pensou que devia ser o filho que estava ali anteriormente. Ouviu alguém urinando longamente e levantou-se convencido de que efetivamente alguém estava no banheiro”*. Associa o seguinte: *“se diz nascer como os cogumelos!”* e *“no, bairro do sonho, também nasceu seu irmão”*. As associações do analista consideram que algo diz respeito ao menino, ao nascimento, ao quarto dos pais, à uretralidade, com seus valores de afirmação competitiva. A interpretação foi a seguinte: *“Aproxima-se de si mesmo quando menino, que, no nascimento de seu irmão, reagiu com uma grande urinada e decidiu afirmar-se e ser o primeiro”*. O paciente reagiu com uma série de associações significativas.

A isso se seguiu uma fase de análise central, rica de conteúdos e experiências que nos trouxeram à fase final, que começou com este sonho do quinto ano de análise: *“Ele faz parte de um grupo de convidados, que também são pesquisadores, reunidos em torno de uma mesa. Ele fala em uma linguagem muito polida, precisa e agradável de ouvir. Veem, na paisagem que se abre diante de seus olhos, um grande rio. Um cavalo atravessa suas águas, com um ar decidido... Pouco depois, o mesmo cavalo está emparelhado a uma bela carruagem, que parece ocupada*

por uma família, e segue para o rio. Todos observam com preocupação primeiramente, depois, com admiração, a forma como o cavalo puxa com segurança a carruagem no meio do rio. Agora, veem uma segunda mesa, com diversas pessoas mais velhas, que também observam as proezas do cavalo. Parece que as duas reuniões são realizadas de forma tranquila, próximas e com vista para o rio e para o que acontece nele”. As associações do paciente relacionam-se aos grandes westerns e com evidência para a sensação de prazer e de serenidade. As associações do analista, à posição acadêmica do paciente e à rivalidade com o pai e com o analista (quem fala melhor entre nós), à conexão-evolução, oralidade-conhecimento, a uma cena primária, à gravidez e ao nascimento. A interpretação referiu-se a “um cenário grande, amplo, em torno do crescer, do aprender, do falar. As gerações de pais e filhos acampam ao longo do rio da vida, e ambas observam a mesma representação da sexualidade e da força, assim como suas evoluções”. □

Abstract

Construction and interpretation

Psychoanalytical experience encompasses five key elements: the creation of the analytic field, highlighting the representations generated in the field, realization from those constructions and their narration, and, finally, the interpretation of those constructions, which originates transformations. The author refers briefly to the field and its representation in order to dedicate more attention to the constructions and their interpretations. Considering the representation, the topic of the irrepresentable is discussed – a field of clinical and theoretical investigation at the borders of contemporary psychoanalysis. In the broader discussion about construction, it is emphasized the importance of what is constructed by the double analyst-patient, which the analyst helps with his/her participation in the constructive work. Finally, interpretation remains as the main function to the transformative efficacy of psychoanalysis. It extends from the times of dreams interpretation to the interpretation of each constructed story or narrated construction and contains the secret of transformation in analysis, which is thought as the key point of ongoing investigation in the scenario of current psychoanalysis.

Keywords: psychoanalytic field, representations, construction, narration, interpretation.

Resumen

Construcción e interpretación

La experiencia psicoanalítica comprende cinco componentes esenciales: la formación del campo analítico, evidenciar las representaciones generadas en el campo, la realización a partir de esas construcciones y la colocación de éstas en forma narrativa, en fin, la interpretación de esas construcciones que produce transformaciones. El autor se detiene más brevemente sobre el campo y la representación para dedicar mayor atención a las construcciones y a la interpretación de éstas. Sobre la representación se trata el tema de lo irrepresentable, que es un campo de investigación clínica y teórica de frontera del psicoanálisis contemporáneo. En la más amplia discusión sobre el tema de la construcción se pone de relieve lo tanto que es importante lo que fue construido por la pareja analista y paciente, a quien el analista ayuda con su participación en el trabajo constructivo. La interpretación, finalmente, permanece como la principal función en términos de eficacia transformativa del psicoanálisis. Ella se prolonga desde el tiempo de la interpretación de los sueños a la interpretación de toda historia construida o construcción narrada y contiene el secreto de la transformación en el análisis, que está pensado como punto crucial de investigación en curso en el panorama del psicoanálisis actual.

Palabras clave: campo psicoanalítico, representaciones, construcción, narración, interpretación.

Referências

- Ammaniti, M., & Stern, D. N. (1991). *Rappresentazione e narrazione*. Roma; Bari: Laterza.
- Barale, F. (1999). Postfazione. In A. Ferro, *La psicoanalisi come letteratura e terapia*. Milano: Raffaello Cortina.
- Baranger, W. & Baranger, M. (1962). *La situazione psicoanalitica come campo bipersonale*. Milano: Raffaello Cortina, 1990.
- Berenstein, I. (2000). El vínculo y el otro. *Rev. de Psicoanálisis* 57: 677-688.
- Bezoari, M. & Ferro A. (1992). Il sogno all'interno di una teoria del campo: aggregati funzionali e narrazioni. In Gaburri E. (a cura di), *Emozione e interpretazione. Psicoanalisi del campo emotivo*. Torino, Bollati Boringhieri, 1997.
- Bezoari, M. (2002). La nevrosi di transfert come funzione del campo analitico. *Riv. Psicoanal.* 48: 889-905.

- Bezoari, M. (2013). Ambiente onírico e ambiente analítico. *Riv. Psicoanal.* 59:305-322.
- Bion, W. R. (1970). *Attenzione e interpretazione*. Roma: Armando, 1973.
- Bion, W. R. (1973). *Bion's brazilian lectures I*. Rio de Janeiro: Imago.
- Bolognini, S. (2002). *The theoretical models: harmony and coherence of the psychoanalyst*. Conferenza FEP, Praga, aprile, 2002.
- Bonaminio, V. (2003). La persona dell'analista: interpretare, non interpretare e controtransfert. In P. Fabozzi, Fabozzi, *Forme dell'interpretare. Nuove prospettive nella teoria e nella clinica psicoanalitica*. Milano: Franco Angeli.
- Borgogno, F. (2011). *La signorina che faceva hara-kiri e altri saggi*. Torino: Bollati Boringhieri.
- Chianese, D. (1997). *Costruzioni e campo analitico*. Roma: Boria.
- Civitaresse, G. (2008). *L'intima stanza*. Roma: Borla.
- Civitaresse, G. (2011). *La violenza delle emozioni*. Milano: Raffaele Cortina.
- Corrao, F. (1991). Trasformazioni narrative. In M. Ammaniti & D. N. Stern, *Rappresentazione e narrazione*. Roma; Bari: Laterza.
- Corrao, F. (1998). Il concetto di campo come modello teorico. In *Orme. Contributi alla psicoanalisi di gruppo*. Milano: Raffaello Cortina.
- Di Chiara, G. (1978). Sulle finalità della psicoanalisi. Il valore delle costruzioni nell'analisi. *Letto al Seminario del giovedì del Centro Milanese di Psicoanalisi il 9 marzo 1978*.
- Di Chiara, G. (1997a). L'identità differita. In G. Sacerdoti & A. Racalbutto. (1997). *Differenza, indifferenza, differimento*. Milano: Dunod Masson.
- Di Chiara, G. (1997b). La formazione e la evoluzione del campo psicoanalitico. In E. Gaburri (a cura di), *Emozione e interpretazione. Psicoanalisi del campo emotivo*. Torino: Bollati Boringhieri.
- Di Chiara, G. (2003). *Curare con la psicoanalisi*. Milano: Raffaello Cortina.
- Di Chiara, G. (2010). Connessioni verticali e connessioni orizzontali nella esperienza psicoanalitica. Intrapsichico e intersichico. *Letto al Seminario del gruppo di Lugano della Soc. Psicoanal. Svizzera il 18 settembre 2010*.
- Di Chiara, G. (2013). Intervento di apertura del seminario tenuto da A. Scansani, 2013. In A. Scansani, *Fughe e approdi: la costruzione di un campo di sogno e di gioco con una paziente adulta fortemente inibita*. *Letto al Centro Psicoanalitico di Milano il 2 maggio 2013*. Discussant: Giuseppe Di Chiara.
- Fabozzi, P. (2003). Tracce, nessi, percorsi dell'interpretare. In *Forme dell'interpretare. Nuove prospettive nella teoria e nella clinica psicoanalitica*. Milano: Franco Angeli.
- Ferro, A. & Basile, R. (a cura di) (2007). *Il campo analitico*. Roma: Boria, 2011.
- Ferro, A. (1992a). *La tecnica nella psicoanalisi infantile. Il bambino e l'analista: dalla relazione al campo emotivo*. Milano: Raffaello Cortina.
- Ferro, A. (1992b). Some implications of Bion's thought: the waking dream and narrative derivatives. *Int. J. Psycho-Anal.*, 73:597- 607.

- Ferro, A. (1993). The impasse within a theory of the analytic field: possible vertices of observation. *Int. J. Psycho-Anal.*, 74: 917-929.
- Ferro, A. (1994). Del campo e dei suoi eventi. In *Quaderni fi Psicoterapia Infantile* (Vol.30), Roma: Boria.
- Ferro, A. (2006). *Tecnica e creatività*. Milano: Raffaello Cortina.
- Ferro, A. (2010a). *Tormenti di anime*. Milano: Raffaello Cortina.
- Ferro, A. (2010b). Navette per l'Inconscio: rêveries, trasformazioni in sogno, sogni. *Riv. Psicoanal.*, 56: 615-634.
- Ferro, A. (2007). *Evitare le emozioni, vivere le emozioni*. Milano: Raffaello Cortina.
- Ferro, A., Civitarese, G., Collovà, M., Foresti, G., Molinari, E., Mazzacane, F., et al. (2007). *Sognare l'analisi*. Torino: Bollati Boringhieri.
- Ferruta, A. (2003a). "Trattare l'ambiente in termini di transfert". Il concetto di interpretazione negli scritti di Winnicott. In P. Fabozzi (a cura), *Forme dell'interpretare. Nuove prospettive nella teoria e nella clinica psicoanalitica*, Milano: Franco Angeli.
- Ferruta, A. (2003b). La psicoanalisi fuori dalla nicchia ecologica. A contatto con le patologie gravi nelle istituzioni. In L. Rinaldi (a cura di), *Stato caotici della mente. Psicosi, disturbi borderline, disturbi psicosomatici, dipendenze*. Milano: Raffaello Cortina.
- Foresti, G. & Rossi-Monti, M. (2010). *Esercizi di visioning*. Roma: Borla.
- Foresti, G. (2007). Elogio delle superfici psichiche. Il dialogo psicoanalitico come interfaccia trasformativa. In A. Ferro et al., *Sognare l'analisi*. Torino: Bollati Boringhieri.
- Foresti, G. (2013). «More-than» or «more-about»? Breve e incompleta storia delle ipotesi sull'interpretazione psicoanalitica. *Rivista di Psicoanalisi* 59: 645-663.
- Fornari, F. (1979). *Cinema e icona*. Milano: Il Saggiatore.
- Freud, S. (1907). Il poeta e la fantasia. In *Opere di S. Freud* (Vol. 5, pp. 537-552). Torino: Boringhieri.
- Freud, S. (1912). Tecnica della psicoanalisi. In *Opere di S. Freud* (Vol. 6, pp.513-544), Torino: Boringhieri.
- Freud, S. (1937). Costruzioni nell'analisi. In *Opere di S. Freud* (Vol. 11, pp. 539-554). Torino: Boringhieri.
- Gaburri, E. (a cura di) (1997). *Emozione e interpretazione. Psicoanalisi del campo emotivo*. Torino: Bollati Boringhieri.
- Genovese, C. (1991). Il problema della rappresentabilità. In M. Ammaniti, & D. N. Stern, *Rappresentazione e narrazione*. Roma; Bari: Laterza.
- Goretti, G. (2002). Pensieri sul tema del congresso. *Relazione al XII Congresso Nazionale della SPI*. Trieste, 12-16 giugno 2001).
- Gori, E. C. (1989). Nota storico-critica su "presentazione e rappresentazione". *Riv. Psicoanal.* 35: 689-715.
- Grotstein, J. (1979). Who is the dreamer who dreams the dream and who is the dreamer who understand it? *Contemporary Psychoanalysis*, 15: 110-169.

- Grotstein, J. (2009). *Il modello kleiniano-bioniano* (Vol. 1). Milano: Raffaello Cortina.
- Imbasciati, A. (1991). *Affetto e rappresentazione*. Milano: Franco Angeli.
- Kernberg, O. F. (2011). Divergent contemporary trends in psychoanalytic theory. *Psychoanal. Rev.*, 98: 633-664.
- Klein, M. Heimann, P. & Money Kyrle, R. (1955). *Nuove vie della psicoanalisi*. Milano: Il Saggiatori, 1966.
- Kluzer, P. (2011). Altrove: i luoghi e i tempi segreti dell'inquietante familiare. *Riv.Psicoanal.* 52: 5-16.
- Lussana, P. (1989). Recensione di "The apprehension of beauty" di D. Meltzer e M. Harris Williams. *Riv. Psicoanal.* 35: 435-443.
- Meltzer, D. & Harris Williams, M. (1988). *The apprehension of beauty. The role of aesthetic conflict in development, violence and art*. Scotland: Clunie Press. Traduz, italiana Amore e timore della bellezza. Roma: Borla, 1989.
- Meltzer, D. (1973). *La comprensione della bellezza*. Torino: Loescher.
- Napolitano, F. (2001). Neuroni speculari : una controparte biologica della identificazione. *Seminario tenuto al Centro Milanese di Psicoanalisi "C. Musatti" il 19/10/2001*.
- Napolitano, F. (2002). *Lo specchio delle parole*. Torino: Bollati Boringhieri.
- Nicolò, A. M. (2003). Utilità e limiti dell'interpretazione. In P. Fabozzi (a cura), *Forme dell'interpretare. Nuove prospettive nella teoria e nella clinica psicoanalitica*. Milano: Franco Angeli.
- Nissim Momigliano, L. (1974). Come si originano le interpretazioni dello psicoanalista. *Rivista di Psicoanalisi* 20: 144-165. E in *L'ascolto rispettoso*, Milano: Raffaello Cortina, 2001.
- Nissim, M. L. & Robutti, A. (1992). *L'esperienza condivisa*. Milano: Raffaello Cortina.
- Ogden, T. (1994). The analytic third. working with intersubjective clinica facts. *Int. J. Psycho-Anal.*, 75: 3-19. Traduz. ital. in Ferro, A. & Basile, R. (a cura di) (2007). *Il campo analitico*. Roma: Boria, 2011.
- Ogden, T. (2007). On talking-as-dreaming. *Int. J. Psycho-Anal.*, 88: 575-589. Traduz. ital. in *Annata psicoanalitica internazionale 2009*, n. 5, Roma: Borla.
- Petrella, F. (1985). *La mente come teatro*. Torino: Centro Scientifico; Milano: Edi-ermes, 2011.
- Petrella, F. (2003). Sogni belli e brutti: un complemento estetico e drammaturgico alla Traumdeutung. In F. Riolo, *L'analisi dei sogni*. Milano: Franco Angeli.
- Ponsi, M. (1997). Interaction and transference. *Int. J. Psycho-Anal.*, 78: 243-263.
- Ponsi, M. (2000). Therapeutic alliance and collaborative interactions. *Int. J. Psycho-Anal.*, 81: 687-704.
- Quinodoz, D. (2002). *Le parole che toccano*. Roma: Borla, 2004.
- Riolo, F. (1997). Il modello di campo in psicoanalisi. In E. Gaburri, *Emozione e interpretazione. Psicoanalisi del campo emotivo*. Torino: Bollati Boringhieri.
- Riolo, F. (1999). Il paradigma della cura. *Riv. Psicoanal.*, 45: 7-27.

- Riolo, F. (2002). La trasformazione psicoanalitica. *Riv. Psicoanal.* 45: 821-834.
- Riolo, F. (2003). “Si prega di chiudere gli occhi”. In F. Riolo, *L'analisi dei sogni*. Milano: Franco Angeli.
- Riviere, J. (1955a). La fantasia inconscia di un mondo interno riflessa in esempi tratta dalla Letteratura. In M. Klein, P. Heimann & R. Money Kyrle, *Nuove vie della psicoanalisi*. Milano: Il Saggiatori, 1966.
- Riviere, J. (1955b). Il mondo interno del Costruttore Solness di Ibsen. In M. Klein, P. Heimann & R. Money Kyrle, *Nuove vie della psicoanalisi*. Milano: Il Saggiatori, 1966.
- Russo L. (2013). *Esperienze. Corpo, visione, parola nel lavoro psicoanalitico*. Roma: Borla.
- Russo, L. (2009). *Destini dell'identità*. Roma: Borla.
- Sarno, M. (1997). Un precursore del concetto di campo in psicoanalisi. In E. Gaburri, *Emozione e interpretazione. Psicoanalisi del campo emotivo*. Torino: Bollati Boringhieri.
- Scansani, A. (2013). Fughe e approdi: la costruzione di un campo di sogno e di gioco con una paziente adulta fortemente inibita. *Letto al Centro Psicoanalitico* di Milano il 2 maggio 2013. Discussant: Giuseppe Di Chiara.
- Segal, H. (1955). Un approccio psicoanalitico all'estetica. In M. Klein, P. Heimann & R. Money Kyrle, *Nuove vie della psicoanalisi*. Milano: Il Saggiatori, 1966.
- Sopena, C. (2007). Il campo dinamico della psicoanalisi: un punto di svolta nelle teorie dell'inconscio. In A. Ferro & R. Basile, *Il campo analitico*. Roma: Boria, 2011.
- Spira, M. (1993). *Alle sorgenti dell'interpretazione*. Roma: Boria.
- Stokes, A. (1955). La forma nell'arte. In M. Klein, P. Heimann & R. Money Kyrle, *Nuove vie della psicoanalisi*. Milano: Il Saggiatori, 1966.
- Turillazzi, S. M. (1989). La nuova teoria del controtransfert. *Riv. Psicoanal.* 35: 617-645. 2f.
- Turillazzi, S. M. & Ponsi, M. (1999). Transfert, controtransfert e intersoggettività. Contrapposizione e convergenza? *Riv. Psicoanal.* 45: 697-720.

Recebido em 23/09/2014

Aceito em 04/11/2014

Tradução de **Janisa S. Antoniazzi**

Revisão técnica de **Karem Cainelli**

Giuseppe Di Chiara

Via F. Corridoni 44

20122 – Milão – Itália

© Giuseppe Di Chiara

Versão em português Revista de Psicanálise – SPPA

